

DOI: 10.35621/23587490.v10.n1.p365-381

## TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E A ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM

### *AUTISM SPECTRUM DISORDER AND NURSING CARE*

Renata Livia Silva Fonseca Moreira de Medeiros<sup>1</sup>  
Geane Silva Oliveira<sup>2</sup>  
Yuri Charllub Pereira Bezerra<sup>3</sup>  
Joice Martins Pereira<sup>4</sup>

**RESUMO:** A assistência de enfermagem tem importante papel no autismo, pois por meio da consulta de puericultura, que inclui busca de informações da família, utilização de triagem padronizada, escuta qualificada e exame físico para assim depois dos achados elaborar estratégias para ajudar no processo da melhoria da qualidade de vida da criança e cuidadores. Essa pesquisa tem como objetivo descrever a importância da assistência de enfermagem à criança autista. Trata-se de uma pesquisa de revisão de literatura, qualitativa, que, após pesquisa de artigos nas bases de dados: Scielo e Lilacs disponível na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), com aplicação dos DeCS e operador booleano AND, filtros, critérios de inclusão textos completos, últimos 5 anos, nos idiomas em português e inglês, resultou em 10 artigos que responderam à temática. Os resultados finais mostram a necessidade de educação e intervenção aos profissionais, estudantes de enfermagem e familiares sobre a temática, e formas lúdicas e validadas de como assistir autistas, infelizmente trazem a realidade a escassez na atenção primária sobre busca ativa de possíveis crianças e até mesmo adultos autista e também falta de conhecimento pela equipe multidisciplinar em saúde. Conclui-se que é indispensável abordar o autismo em graduações, e levar profissionais a buscar conhecimento para assim aderir a triagem do autismo na atenção primária e realização de diagnósticos precoce na primeira infância, pois o autismo faz parte do cotidiano atual no mundo com dados estatísticos de que a cada 44 crianças 1 é diagnosticada autista e esses dados aumentam com o passar dos anos.

**PALAVRAS-CHAVE:** “enfermagem de atenção primária”; “transtorno do espectro autista”; “enfermagem”.

<sup>1</sup> Doutora pela Faculdade de Ciências Médicas Santa Casa - FCMSCSP - renaliviamoreira@hotmail.com.

<sup>2</sup> Mestre em Enfermagem Cuidado e Saúde - UFPB - geane1.silva@hotmail.com.

<sup>3</sup> Mestre em Saúde Coletiva - UNISANTOS - yuri-m\_pereira@hotmail.com.

<sup>4</sup> Estudante de Enfermagem - UNIFSM - joicemartins3120@gmail.com.

**ABSTRACT:** *Nursing care plays an important role in autism, as through the childcare consultation, which includes seeking information from the family, using standardized screening, qualified listening and physical examination, so that, after the findings, we can develop strategies to help in the process of improvement in the quality of life of children and caregivers. This research aims to describe the importance of nursing care for autistic children. This is a qualitative literature review research, which, after researching articles in the databases: Scielo and Lilacs available in the Virtual Health Library (VHL), with the application of DeCS and Boolean AND operator, filters, criteria of inclusion of full texts, last 5 years, in Portuguese and English, resulted in 10 articles that responded to the theme. The final results show the need for education and intervention for professionals, nursing students and family members on the subject, and playful and validated ways of how to assist autistic people, unfortunately they bring to reality the shortage in primary care regarding the active search for possible children and even autistic adults and also lack of knowledge by the multidisciplinary health team. It is concluded that it is essential to address autism in undergraduate courses, and lead professionals to seek knowledge in order to adhere to autism screening in primary care and carry out early diagnoses in early childhood, since autism is part of everyday life in the world with statistical data that every 44 children 1 is diagnosed with autism and these data increase over the years.*

**KEYWORDS:** "primary care nursing"; "autistic spectrum disorder"; "nursing".

## **INTRODUÇÃO**

A assistência à saúde da criança surgiu por meio da necessidade de diminuir os números de mortalidade infantil, visto que esse público era assistido juntamente com a saúde da mulher. Em 1984, surge o Programa de Assistência Integral à Saúde da Criança (PAISC), que visa acompanhar crianças de 0 a 5 anos de idade, dando ênfase nos grupos de risco; diante dos números altos, surge a criação do PACS (Programa de Agentes Comunitários de Saúde), que enfrentou a situação, e logo mais surgiu o PSF (Programa de Estratégia da Família), que, nos dias atuais, é conhecido como ESF (Estratégia de Saúde da Família) (DE SOUZA *et al.*, 2021).

Doravante, dando seguimento, foi ganhando mais visibilidade, constituindo, assim, uma Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança (PNAISC), em 2015, programa este que foi regulamentado por meio da Portaria nº 1.130/2015, que tem como objetivo assegurar o crescimento e desenvolvimento de crianças e adolescentes de forma saudável e sem agravo de doenças (MAGALHÃES *et al.*, 2022).

Respeitando, assim, a hierarquização do SUS, a puericultura é a prática aplicada em todas as ESFs no Brasil, com o objetivo de detectar possíveis alterações e situações de risco, onde o profissional enfermeiro é apto a realizar nas consultas de enfermagem, para avaliar o crescimento e desenvolvimento de crianças. A OMS preconiza que até doze meses sejam realizadas, no mínimo, 7 consultas, 2 no segundo ano e 1 por ano até 5 anos de idade. A importância dos demais profissionais no acompanhamento e vigilância é de suma importância para, assim, garantir uma assistência integral e completa (MAGALHÃES *et al.*, 2022).

Ressalta-se que a ferramenta principal da puericultura é a caderneta de saúde, pois nela contém informações válidas e importantes para o acompanhamento do profissional e familiar da criança. O enfermeiro através da Lei do Exercício Profissional nº 7.498/86, é assegurado a realizar consultas de enfermagem em todos os níveis de assistência à saúde (MAGALHÃES *et al.*, 2022).

O neurodesenvolvimento, também avaliado na puericultura, tem um impacto muito grande na saúde da criança; nos últimos anos, o número de crianças que nasce portadora de deficiência é assustador, atualmente a mais pertinente é o TEA (Transtorno do Espectro Autista), uma neurodeficiência crônica que é desencadeada por deficiência nos aspectos de interação social, na linguagem e comunicação, onde se percebem padrões de estereótipos. Essas alterações estão ligadas ao convívio familiar e padrão de vida da criança, como fatores biológicos, genéticos, ambientais e imunológicos, tendo prevalência mais visível normalmente até os 5 anos de idade, podendo perdurar também na vida adulta (ABREU *et al.*, 2016).

O diagnóstico do TEA ainda é muito subjetivo, pois inclui vários fatores para tal conclusão, e a participação multiprofissional. Segundo o CDC (*Center of Diseases Control and Prevention*), cerca de 1 a cada 68 crianças possuem o diagnóstico diferencial na primeira infância, dados coletados em 2014. Os primeiros estudos sobre a epidemiologia do autismo aconteceram em 1960, na Inglaterra, e desde então esse número só cresce. Com a inclusão do TEA no 5º Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) (*American Psychiatric Association*, 2014), deu-se origem a essa nova nomenclatura, passando a englobar Transtorno Desintegrativo da Infância, Transtorno de Asperger e Transtorno Invasivo do Desenvolvimento Sem Outra Especificação. (ALMEIDA *et al.*, 2020).

Com o crescimento dos diagnósticos, o CDC criou um método para acompanhar os dados do *Autism and Developmental Disabilities Monitoring (ADDM)*, que, a cada 2 anos, realiza pesquisas que monitoram o aumento dos casos. E notou-se, desde então, a prevalência dos casos, com aumento 2 vezes maior desde o começo das pesquisas dos dados até os dias de hoje (PAIVA JR *et al.*, 2021).

A incidência do TEA em nível de Brasil, segundo o CDC publicado em dezembro de 2021, os dados coletados foram em crianças de 8 anos, onde 1 a cada 54 crianças no ano de 2018, e já no ano de 2021 os resultados foram 2 vezes maiores, sendo com 1 a cada 44 crianças, com aumento perfazendo um índice de 22%, com isso, cerca de 4,5 milhões de crianças seria portadora dessa deficiência. (JÚLIO COSTA, Annelise; ANTUNES, Andressa Moreira. 2018) Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), 1 a cada 160 crianças tem transtorno autista. (OPAS, 2021).

O papel do enfermeiro na assistência à criança com TEA e seus familiares, primeiramente vem pelo conhecimento do transtorno para, assim, desenvolver estratégias e possíveis soluções para os problemas achados. No crescimento e desenvolvimento já se pode ter um olhar diferenciado nas consultas, através das observações na criança e familiar responsável, pode auxiliar os responsáveis com apoio, segurança e informações sobre o TEA, abrangendo os possíveis desafios, assistência e curiosidades que essa família venha a expressar (DE SENA *et al.*, 2015).

A escassez na literatura é visível, impedindo, assim, uma assistência mais qualificada. Faz necessário abrir espaço para dialogar sobre a temática, tanto no processo de formação dos profissionais, quanto com os profissionais que já atuam no serviço (DE SENA *et al.*, 2015).

O governo brasileiro vem, cada vez mais, trazendo possibilidade e acessibilidade a famílias com membro acometido pelo TEA, visto que são crianças que necessitam de uma atenção mais apurada, sendo assim, leis já existem para que suas genitoras possam pedir diminuição da carga horária de serviço, auxílio para a criança para gastos, já que o SUS ainda não suporta atender todo o público com as terapias necessárias, criando um portal com o nome Canal Autismo, que traz informações pertinentes sobre a temática. (FAÇANHA, 2022). Existem também órgãos filantropos que atendem esse público, a exemplo da APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais), tudo isso é disponibilizado para melhor atender os usuários, porém ainda se percebe uma carência nas ações da ESF por parte da equipe multiprofissional, fazendo necessário analisar a assistência de enfermagem à criança autista. (APAE, 2023).

## **METODOLOGIA**

O referido estudo trata-se de uma revisão integrativa de literatura, em que foi realizada uma pesquisa aplicada com caráter exploratório e descritivo. O estudo pretende demonstrar alterações de conceitos, tornando possível o desempenho de um questionamento abrangente, com o intuito de estimular a construção de

pensamentos críticos sobre o tema abordado, fazendo com que o material construído sirva para a criação de diretrizes capazes de analisar a assistência do enfermeiro à criança com TEA.

Para a construção de uma revisão de literatura é necessário seguir etapas predeterminadas, como: escolha da temática e seleção da questão norteadora, definição de critérios de inclusão e exclusão, reconhecimento dos artigos que serão pré-selecionados e selecionados, classificação dos artigos que forem selecionados para amostra, inspeção dos resultados e, por último, a exposição da revisão (SOUZA *et al.*, 2017).

Diante disso, os resultados encontrados transcorrem demonstrados de forma qualitativa, por meio de informações colhidas através de fontes secundárias de revisão bibliográfica. Tal método tem como objetivo agregar informações que possuem impacto social sobre o tema escolhido, tendo em vista a apresentação de conceitos, estudo de problemáticas metodológicas e análise de evidências e teorias (BOTELHO *et al.*, 2011).

O presente estudo tem como objetivo encontrar respostas para a questão norteadora, que consiste em: “Qual o papel do enfermeiro na assistência à criança com TEA?”. A partir desses questionamentos, foi realizado um estudo direcionado e crítico, cumprindo a função científica desse estudo.

Para realizar a pesquisa bibliográfica, foram utilizadas as seguintes bases de dados: Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), disponíveis na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), entre fevereiro de 2023 e abril de 2023. Para a busca dos artigos, foram utilizados o operador booleano “AND” e os seguintes descritores: “enfermagem de atenção primária”, “transtorno do espectro autista”, “enfermagem”, que foram verificados pelo DeCS (Descritores em Ciências da Saúde).

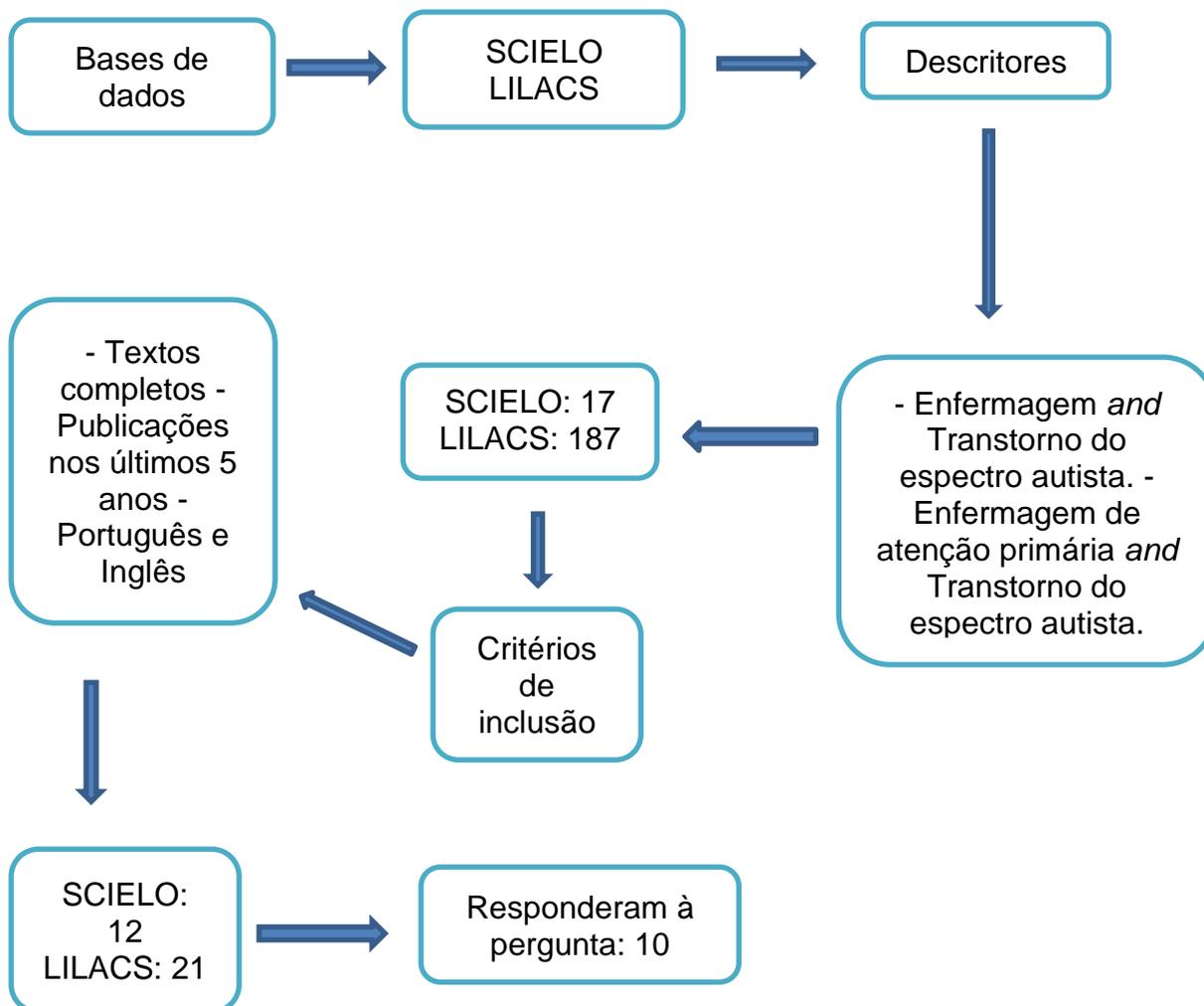
Dessa forma, utiliza ferramentas disponíveis em cada banco de dados para selecionar as publicações de interesse a partir dos filtros de idioma, disponibilidade, tipo de estudo e tempo.

A planificação da pesquisa inclui o levantamento de dados secundários e a revisão de literatura, de modo a verificar a adequação dos artigos a serem selecionados e sua relevância para o projeto. Os critérios de inclusão definidos para

a seleção dos artigos são: artigos gratuitos disponíveis online e publicados nos últimos cinco anos, artigos publicados em português e inglês que retratem a essência da temática proposta. No que refere aos critérios de exclusão, tem-se: artigos anteriores a 2017, aqueles que não contemplam, na íntegra, a temática referente à revisão integrativa e não evidenciavam sua metodologia.

Nessa temática, foi confeccionado o estudo dos artigos selecionados, de modo que foi possível a realização de uma síntese dos dados obtidos através dos artigos, expondo-os de forma organizada e descritiva. Ademais, os resultados serão apresentados na forma qualitativa, permitindo analisar crítica e sistematicamente, possibilitando a observação, contagem, descrição e classificação dos dados, com a finalidade de reunir o conhecimento produzido sobre o tema desta revisão bibliográfica (SOUZA *et al.*, 2010).

Os descritores utilizados em várias combinações, aplicando o operador booleano “AND”, que resultou em 204 artigos encontrados, e, após os filtros utilizados, texto completo, últimos 5 anos, no idioma em português e inglês, reduziu-se para 33 artigos, então o critério do estudo foi a seleção pela leitura do título e resumo, e assim diminuindo para 10 artigos, onde, após a leitura, os 10 artigos responderam à pergunta norteadora.



## RESULTADOS

AUTOR/ANO	TÍTULO DO ARTIGO	PERIÓDICO DE PUBLICAÇÃO	SÍNTESE DOS RESULTADOS
WEILL <i>et al.</i> , 2018.	Transtorno do espectro do autismo na atenção primária.	The nurse practitioner	Argumenta sobre a importância da triagem com utilização de ferramenta padronizada e validada: M-CHAT-R/F.
FERREIRA <i>et al.</i> , 2019.	Conhecimento de estudantes de enfermagem sobre os transtornos autísticos	Revol - Revista de enfermagem	Enfatiza a necessidade de conhecimento nas IES sobre a temática.
SOELTL <i>et al.</i> , 2020.	O conhecimento da equipe de	Abcs health sciences	Descreve como a enfermagem assiste o paciente conforme a teoria

	enfermagem acerca dos transtornos autísticos em crianças à luz da teoria do cuidado humano		abrange o cuidado humano, fazendo a diferença na prestação do cuidado holístico e altruísta.
MAGALHÃES <i>et al.</i> , 2020.	Assistência de enfermagem à criança autista: revisão integrativa	Revista Electrónica trimestral de enfermaria	Referir as evidências científicas da enfermagem na assistência.
DUNLAP <i>et al.</i> , 2020.	CE: Autism Spectrum Disorder: The Nurse's Role	AJN, American Journal of Nursing	Elenca a epidemiologia como ineficaz em termos de gêneros, a importância da triagem, e bem realizada, e mostra como a falha na vigilância acomete o prognóstico e traz gastos para o governo no processo de diagnóstico e reabilitação tardio.
CAMELO <i>et al.</i> , 2021.	Percepção dos acadêmicos de Enfermagem sobre autismo	Enferm Foco	Evidencia a escassez da temática nas faculdades, e a insegurança como futuros profissionais de prestar assistência a esse público.
CORRÊA <i>et al.</i> , 2021.	Indicadores para triagem do transtorno do espectro autista e sua aplicabilidade na consulta de puericultura: conhecimento das enfermeiras	Revista de APS	No cenário habitual há uma dificuldade na APS sobre o tema, informação, promoção e intervenção à criança com TEA, porém houve a conscientização da importância da triagem com instrumento validado, para, assim, facilitar o diagnóstico precoce.
WEISSHEIMER <i>et al.</i> , 2021.	Apoio informacional às famílias de crianças com transtorno do espectro autista	Revista Gaúcha de enfermagem	Descreve a falta de informação acerca dos profissionais de saúde sobre o tema, cuidadores relatam a escassez nas informações que lhe são dadas. Há troca de informações entre as próprias famílias que tem autista. As ONG's têm papel fundamental na ajuda à informação para as famílias.
MOTA <i>et al.</i> , 2022.	Contribuições da enfermagem na assistência à criança com transtorno do espectro autista: uma revisão da literatura	Revista Baiana de Saúde Pública	Descreve as contribuições que a enfermagem garante ao autista
MAGALHÃES <i>et al.</i> , 2022.	Diagnósticos e intervenções de enfermagem em crianças com Transtorno do Espectro Autista: perspectiva para o autocuidado	Revista Baiana de Enfermagem	Utilizando a taxonomia NANDA, mostrou a falta de autonomia dessas crianças, e a enfermagem assistiu elaborando ações lúdicas, reforçando uma rotina saudável, motivando e auxiliando as crianças e familiares. Explicando a importância de cada tarefa e ensinando como fazê-la.

## **DISCUSSÃO**

Conforme quadro acima, podemos constatar a importância da enfermagem no âmbito da assistência à saúde a pacientes com TEA. Estudos vêm sendo feitos desde o aparecimento do autismo, que, na verdade, surgiu com a descoberta no atraso de desenvolvimento humano, em 1943, pelo médico Leo Kanner, desde então estudos são feitos para melhor entender a etiologia desse transtorno. (BIALER *et al.*, 2022.) Nos últimos anos, muito se tem pesquisado sobre autismo, porém veio ganhando mais notoriedade a partir de 2018, e com a pandemia as discussões ganharam destaque desde 2019. Infelizmente, com o aumento de casos do autismo, as pesquisas ganham mais força, e vários estudos foram publicados em 2020, e, desde então, essa temática vem ganhando espaço em meios científicos. A seguir serão apresentadas as categorias às quais emergiram após a leitura dos artigos encontrados.

### **FALTA DE CONHECIMENTO DESDE A GRADUAÇÃO E PROFISSIONAIS DA ENFERMAGEM**

O conhecimento é o pilar para realização de qualquer assistência prestada ao ser humano, sem isso fica inviável uma conduta aprimorada, e a enfermagem tem ciência e comprovação sobre a melhoria de vida de pessoas que recorrem a ela. (SOUSA *et al.*, 2019).

Estudos mostram que estudantes de enfermagem não têm segurança o suficiente para prestar assistência a crianças com TEA, e escassas são as informações nas faculdades sobre a temática, tornando, assim, uma situação problemática a ser sanada, enfermeiros recém-formados saem das IES com um norte sobre a profissão e como se deve prestar cuidados ao paciente, porém faz necessário obter informações, já que casos de TEA tiveram um crescimento absurdo nos últimos

anos, e requer um olhar mais apurado de todos que lhes prestaram cuidados (FERREIRA *et al.*, 2019).

Segundo Camelo e colaboradores (2021), 66,67% dos estudantes não conhecem a faixa etária de predominância do autismo, e 23% confirmaram ser um dos sinais de alerta as habilidades cognitivas, sabido que não entra como sinal, tornando, assim, o diagnóstico tardio. Tornou-se básico entender e compreender o que é autismo, pois sem isso dificulta o acesso à sociedade de crianças autistas, que também serão adultos autistas (SILVA, 2019).

No que se refere aos profissionais que atuam na área, observa-se a mesma situação, não têm informação necessária e não sabem prestar assistência por não saberem o comportamento esperado que crianças autistas manifestam (SOELTL *et al.*, 2020).

### **ESCASSEZ NA ASSISTÊNCIA DA ENFERMAGEM:**

O TEA é considerado um problema de saúde pública, visto que ainda pouco se sabe sobre, e isso dificulta as áreas que devem atuar na assistência às crianças e logo adultos autistas, a gestão em saúde tem trazido visibilidade para esses indivíduos, para facilitar seu acesso no processo saúde doença, que começa na atenção básica, logo tendo atendimento pelo enfermeiro (SENA *et al.*, 2015).

Infelizmente, a literatura traz como evidência a falta de conhecimento dos enfermeiros, assistência ineficaz, e que poderia melhorar usufruindo de momentos como as consultas de rotina e em visitas ao domicílio, juntamente com a equipe da ESF, para mudar a qualidade de vida da família (CALDAS *et al.*, 2023).

Familiares têm informações por meio dos profissionais da saúde, educação e assistência social sobre o autismo, porém, em recentes estudos, constatou-se que essas informações não são suficientes para os cuidadores, fazendo-se necessário ir além desses profissionais, notou-se a importância de ONG, encontro entre famílias, grupos em WhatsApp, perfil de Instagram que ajudam essas famílias de forma lúdica,

criativa e compartilham vivências cotidianas de crianças autistas (WEISSHEIMER *et al.*, 2021).

### **INCLUSÃO DA TRIAGEM NA ATENÇÃO BÁSICA**

A Atenção Básica é a porta de entrada do indivíduo no sistema de saúde, sendo assim garante ao usuário promoção, prevenção, diagnóstico e tratamento e/ou reabilitação e o enfermeiro está nesse âmbito para garantir esses cuidados. (SECRETARIA DA SAUDE 2021).

Os enfermeiros na atenção básica, no momento da consulta de puericultura, devem realizar uma anamnese cujo principal objetivo seja colher o máximo de informações possíveis que incluem a gestação, da criança, dos familiares e ambiente ao qual a criança habite, e, de acordo com Weill e colaboradores, deve ser feito, no segundo momento dessa triagem, a inclusão específica para o TEA, que é uma ferramenta padronizada, a M-CHAT-R/F, que foi desenvolvida por cientistas dos EUA, e vem sendo muito utilizada nos dias de hoje, para aplicação não se faz necessário um médico, mas sim qualquer profissional da saúde, os enfermeiros podem utilizar nas consultas de puericultura, são perguntas com respostas de sim/não, sem custo algum e não causa desconforto ao paciente ou familiar na execução (LAZAPIO *et al.*, 2008).

Essa aplicação deve acontecer especificamente aos 18 e 24 meses da criança, pois é nessa faixa etária que se é percebível declínio no desenvolvimento da criança; cerca de 25 a 30% (WEILL *et al.*, 2018) declina aos 24 meses, vale ressaltar que, sendo negativa a triagem de 18 meses, não necessariamente a de 24 meses será, deve-se aplicar essa ferramenta em qualquer consulta de puericultura onde haja a necessidade tanto pelos cuidadores ou profissionais, e estudos sobre a epidemiologia mostra que essa condição acomete tanto o sexo masculino como o feminino. O enfermeiro deve saber como o fluxo de encaminhamento funciona na cidade em que trabalha para, assim, direcionar essas famílias no processo até o diagnóstico, vale

ressaltar que o enfermeiro deve estar ciente dos passos em que essa família seguiu e manter sua assistência. (DUNLAP *et al.*, 2020).

DUNLAP e colaboradores afirmam que há uma falha grave na triagem em nível mundial, pois estudos entre 2013 - 2016 mostraram que apenas 10 das 20 diretrizes foram aplicadas corretamente, isso nos traz um atraso imenso nos diagnósticos precoces que foram perdidos, trazendo uma superlotação nos serviços de saúde em alguns anos seguintes, e fazendo com que o prognóstico dessa criança seja mais lento e, conseqüentemente, traga mais gastos ao governo, pois serão necessárias mais intervenções para a reabilitação da criança.

## **INTERVENÇÕES DE ENFERMAGEM:**

Prestar cuidados à criança com TEA é também prestar assistência aos familiares e cuidadores, criando vínculos com a criança, passando segurança e empatia, discernir o melhor plano terapêutico em conjunto, escolher quem irá ajudar nesse processo é de suma importância. O cuidar será sempre holístico e humanizado, para garantir e promover melhorias ao paciente (MAGALHÃES *et al.*, 2020).

Essas crianças requerem um olhar mais apurado, e faz necessário usar criatividade para se comunicarem, e também ajuda multidisciplinar. A lei Berenice Piana (n. 12.764/2012) assegura direitos humanos, diagnóstico precoce, inserção no mercado de trabalho e cabe aos profissionais e familiares fazerem com que essa lei valha (MOTA *et al.*, 2022).

Infelizmente, falta dinâmica dos enfermeiros e criatividade para melhoria de vida dos autistas, mas podemos elencar várias ações que podem ser realizadas pelos enfermeiros, a enfermagem é a porta-voz dentro da Atenção Básica, podendo, assim, mudar o cenário.

Garantindo o direito de frequentar escolas (SANTOS, 2022), participação do profissional na elaboração de planos terapêuticos (COFEN, 2021), fornecendo informações aos colegas e cuidadores, fazer busca ativa, identificar sinais de alertas, encaminhar para outras especialidades, caso necessário, educando famílias,

comunidades, incentivar uso da tecnologia em prol de conhecimento, garantir que cuidadores estão levando as crianças às terapias, monitorando o desenvolvimento da criança, elaborar rotina sustentável para a criança e familiares, garantir os direitos aos autistas, organizar encontros de apoio e troca de vivências das famílias, ajudar a criança a ter autonomia em tarefas simples como segurar talheres, escovar os dentes, entre outras atividades, incentivar a família a ter o momento da diversão, onde ajudará a criança a socializar, orientar sobre brincadeiras lúdicas para aprendizagem. Atividades simples que podem ajudar na evolução da criança e família nesse processo que, na maioria das vezes, no início é tão árduo e difícil. (MOTA *et al.*, 2022).

E várias outras ações que podem promover saúde para essas crianças, (WEILL *et al.*, 2018) podem ser desenvolvidas durante a puericultura, e também nas visitas ao lar dessas famílias. (MAGALHÃES *et al.*, 2022).

## **CONCLUSÃO**

Compreende-se a falta de conhecimento durante a graduação e profissionais da enfermagem sobre o autismo, dificultado a assistência, o diagnóstico precoce, e inclusão da triagem, superlotando os serviços, pois quanto mais tardio o diagnóstico mais serão necessárias terapias multiprofissionais. Torna-se essencial abordar a temática em graduações, pois o autismo faz parte do cotidiano de todos os profissionais, indispensável à educação em saúde para profissionais e comunidades acerca da temática, e vital mais estudos científicos para melhor entender a etiologia, e trazer novas descobertas de um tema atual e que é problema na saúde pública e privada.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DE SOUZA, Laianne Santos Barbosa *et al.* Experiências brasileiras no acompanhamento de crescimento e desenvolvimento infantil no contexto da Atenção Básica. *Enfermagem em Foco*, v. 12, n. 2, 2021.

MAGALHÃES, Juliana Macêdo *et al.* Diagnósticos e intervenções de enfermagem em crianças com transtorno do espectro autista: perspectiva para o autocuidado. *Revista Baiana de Enfermagem*, v. 36, 2022.

ABREU, Aline *et al.* Treinamento de pais e autismo: uma revisão de literatura. *Ciências & Cognição*, v. 21, n. 1, 2016.

ALMEIDA, Maíra Lopes; NEVES, Anamaria Silva. A popularização diagnóstica do autismo: uma falsa epidemia? *Psicologia: Ciência e profissão*, v. 40, 2020.

PAIVA JR, Francisco. EUA publica nova prevalência de autismo: 1 a cada 44 crianças, com dados do CDC. Canal autismo, 2021. Disponível em: <<https://www.canalautismo.com.br/noticia/eua-publica-nova-prevalencia-de-autismo-1-a-cada-44-criancas-segundo-cdc/>>. Acesso em: 18 de set de 2022.

JÚLIO COSTA, Annelise; ANTUNES, Andressa Moreira. *Transtorno do Espectro autista na prática clínica*. São Paulo: Pearson Clinical Brasil, 2018.

OPAS - Organização Pan-Americana da Saúde. *Transtorno do aspecto autista*. Brasília (DF); 2021. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/topicos/transtorno-do-espectro-autista>>. Acesso em: 18 de set de 2022.

DE SENA, Romeika Carla Ferreira *et al.* Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil. *Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online*, v. 7, n. 3, p. 2707-2716, 2015.

BOTELHO, Louise Lira Roedel; CUNHA, Cristiano Castro de Almeida; MACEDO, Marcelo. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. *Gestão e sociedade*, v. 5, n. 11, p. 121-136, 2011.

FRANKLIN, Façanha. Canal Autismo, 2022. Justiça garante redução de carga horária para pais de autistas ou servidor público autista. Disponível em: <<https://www.canalautismo.com.br/artigos/justica-garante-reducao-de-carga-horaria-para-pais-de-autistas-ou-servidor-publico-autista/>>. Acesso em: 20 de abril de 2023.

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS APAES. APAE BRASIL 2023. Quem somos. Disponível em: <<https://apaebrasil.org.br/conteudo/quem-somos>>. Acesso: 20 de abril de 2023.

SOUZA, Ana Cláudia de; ALEXANDRE, Neusa Maria Costa; GUIRARDELLO, Edinêis de Brito. Propriedades psicométricas na avaliação de instrumentos: avaliação da confiabilidade e da validade. *Epidemiologia e serviços de saúde*, v. 26, p. 649-659, 2017.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein (São Paulo)*, v. 8, p. 102-106, 2010.

FERREIRA, Ana Caroline Souza Saraiva; FRANZOI, Mariana André Honroato. Conhecimento de estudantes de enfermagem sobre os transtornos autísticos. *Rev. enferm. UFPE on line*, p. 51-60, 2019.

DA SILVA MOTA, Mariane Victória *et al.* Contribuições da enfermagem na assistência à criança com transtorno do espectro autista: uma revisão da literatura. Revista Baiana de Saúde Pública, v. 46, n. 3, p. 314-326, 2022.

MAGALHÃES, Juliana Macêdo *et al.* Diagnósticos e intervenções de enfermagem em crianças com transtorno do espectro autista: perspectiva para o autocuidado. Revista Baiana de Enfermagem, v. 36, 2022.

PITZ, Isabela Soter Corrêa; GALLINA, Fernanda; SCHULTZ, Lidiane Ferreira. Indicadores para triagem do transtorno do espectro autista e sua aplicabilidade na consulta de puericultura: conhecimento das enfermeiras. Revista de APS, v. 24, n. 2, 2021.

SOELTL, Sarah Baffile; FERNANDES, I. C.; CAMILLO, S. O. O conhecimento da equipe de enfermagem acerca dos transtornos autísticos em crianças à luz da teoria do cuidado humano. Abcs health sciences, v. 46, n. 021206, p. 1-7, 2021.

CAMELO, Isabella Martins *et al.* Percepção dos acadêmicos de enfermagem sobre autismo. Enfermagem em Foco, v. 12, n. 6, 2021.

WEISSHEIMER, Gisele *et al.* Apoio informacional às famílias de crianças com transtorno do espectro autista. Revista Gaúcha de Enfermagem, v. 42, 2021.

MAGALHÃES, Juliana Macêdo *et al.* Asistencia de enfermería al niño autista: revisión integrativa. Enfermería Global, v. 19, n. 58, p. 531-559, 2020.

DUNLAP, Jayne Jennings; FILIPEK, Pauline A. CE: Autism spectrum disorder: The nurse's role. AJN The American Journal of Nursing, v. 120, n. 11, p. 40-49, 2020.

WEILL, Victoria A.; ZAVODNY, Stefanie; SOUDERS, Margaret C. Autism spectrum disorder in primary care. The Nurse Practitioner, v. 43, n. 2, p. 21-28, 2018.

LOSAPIO, Mirella Fiuza; PONDÉ, Milena Pereira. Tradução para o português da escala M-CHAT para rastreamento precoce de autismo. Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, v. 30, p. 221-229, 2008.

SOUSA, Natália Daiana Lopes de *et al.* Enfermagem e ciência: uma reflexão sobre a sua consolidação. Rev. enferm. UFPE on line, p. 839-843, 2019.

DOS SANTOS, Ana Alice Sousa *et al.* INCLUSÃO DE ALUNOS COM AUTISMO NO ENSINO REGULAR: ANÁLISE EM UMA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL.

DA SILVA, Caroline. Os limites do meu conhecimento são os limites do meu mundo. Portal de divulgação científica do IPUSP, 2019. Disponível em: <https://sites.usp.br/psicosp/os-limites-do-meu-conhecimento-sao-os-limites-do-meu-mundo/>. Acesso: 27 de abril de 2023.

COFEN. Enfermagem melhora qualidade de vida dos pacientes autistas. Conselho Federal da Enfermagem, 2021. Disponível em: [http://www.cofen.gov.br/enfermagem-melhora-qualidade-devidadospacientesautistas\\_91927.html#:~:text=O%20enfermeiro%20pode%20participar%20da%20rede%20p%C3%BAblica%20de%20sa%C3%BAde.&text=Na%20pr%C3%A1tica%2C%20uma%20forma%20de%20Enfermagem%20atrav%C3%A9s%20de%20quadrinhos](http://www.cofen.gov.br/enfermagem-melhora-qualidade-devidadospacientesautistas_91927.html#:~:text=O%20enfermeiro%20pode%20participar%20da%20rede%20p%C3%BAblica%20de%20sa%C3%BAde.&text=Na%20pr%C3%A1tica%2C%20uma%20forma%20de%20Enfermagem%20atrav%C3%A9s%20de%20quadrinhos.). Acesso: 27 de abril de 2023.

SECRETARIA DA SAÚDE. Atenção Básica ou Primária - Principal porta de entrada para o Sistema Único de Saúde (SUS), 2021. Disponível em: [https://saude.rs.gov.br/atencao-basica-ou-primaria-principal-porta-de-entrada-para-o-sistema-unico-de-saude-sus#:~:text=A%20Aten%C3%A7%C3%A3o%20B%C3%A1sica%20%C3%A9%20a,%2C%20v%C3%ADnculo%2C%20continuidade%20e%20integralidade](https://saude.rs.gov.br/atencao-basica-ou-primaria-principal-porta-de-entrada-para-o-sistema-unico-de-saude-sus#:~:text=A%20Aten%C3%A7%C3%A3o%20B%C3%A1sica%20%C3%A9%20a,%2C%20v%C3%ADnculo%2C%20continuidade%20e%20integralidade.). Acesso: 27 de abril de 2023.

BIALER, Marina; VOLTOLINI, Rinaldo. Autismo: história de um quadro e o quadro de uma história. **Psicologia em Estudo**, v. 27, 2022.

CALDAS, Geovanna Renassa Ferreira *et al.* As práticas de atendimento em saúde frente ao autismo infantil. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 12, n. 1, pág. e15812139569-e15812139569, 2023.

DE SENA, Romeika Carla Ferreira *et al.* Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil. **Revista de pesquisa cuidado é fundamental online**, v. 7, n. 3, p. 2707-2716, 2015.